

A fundação e os fundamentos das novas cidades: entre meios e medos

Paulo Celso da Silva
(Universidade de Sofocaba, São Paulo)

Resumen: Este artículo trata el tema de las ciudades en los principios del siglo XXI a partir de dos artículos publicados en Brasil en los años 1994 y 1998. Los dos artículos son de los pensadores de la comunicación social y, en especial, la comunicación y la ciudad. Los análisis buscan apuntar y comprender la realidad en aquellos momentos, y presentar la actualidad de los análisis exponiendo como será posible una sociedad sin exclusión y como una sociedad que cambió participación por información puede avanzar en el siglo XXI.

Palabras clave: ciudades del siglo XXI, comunicación e ciudad, sociedad de la información

Abstract: This article it treats the topic of the cities in the principles of the XXI century starting from two articles published in Brazil in the years 1994 and 1998. The two articles belong to the researchers of the social communication and, especially, the communication and the city. The analyses look for to point and to understand the reality in those moments, and to present the present time of the analysis exposing like it will be possible a society without exclusion and like a society that changed participation for information can advance in the XXI century.

Keywords: cities of the XXI century, communication and city, society of the information

A motivação deste artigo decorre de outros dois artigos lidos, refletidos e muito utilizados nos últimos anos de prática docente, tanto para alunos dos cursos de Comunicação Social e Filosofia quanto do programa de mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, interior do estado São Paulo. A saber: *A fundação e os fundamentos das novas cidades* de Marshall Berman, publicado no *Informa-AGB-São Paulo* n° 52 de junho de 1994, páginas 5 a 9 e, *Comunicação e Cidade: entre Meios e Medos* de Jesús Martín-Barbero, publicado na *Revista Novos Olhares*, ano 1 n° 1 de janeiro a junho de 1998, páginas 5 a 9. Os dois artigos foram conhecidos durante os anos de mestrado e doutoramento na Universidade de São Paulo entre os anos de 1990 e 2000, ambos no departamento de Geografia Humana.

O interesse pelos artigos decorreu, principalmente, do doutoramento do autor deste artigo, pela natureza dos temas que então pesquisava sobre as cidades eletrônicas e cidades digitais e que, na época, eram pouco ou nada explorados pela geografia, mais vinculados com os estudos de teoria da comunicação, mídia e cidade, entre outros. Percebe-se de imediato que os dois artigos foram publicados na própria Universidade de São Paulo do meio para o fim da década de 1990, são autores de muita envergadura na área da comunicação e, ainda utilizados hoje, visto que encontramos, por exemplo, uma referência ao artigo de Berman em uma dissertação de mestrado apresentada no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, datada de 2006 (Filgueras, 2006). O de Martín-Barbero, entre as várias citações, destacamos uma, também de 2006, sobre as práticas de recepção mediática como expressão do sentimento de pertencimento a espaços públicos, apresentado no XV Encontro da Compós (Souza, 2006).

Nossa proposta com os artigos é apresentar as idéias e reflexões dos dois autores e analisar a pertinência e atualidade dessas reflexões que já ultrapassaram uma década, no caso de Berman, e o outro prestes a completá-la. Isso, tendo em vista os reais avanços técnicos de nossa sociedade contemporânea e os desafios e problemas atuais que o uso dessas tecnologias está oferecendo para as questões relacionadas ao espaço público e a comunicação. Iniciamos com Berman.

1. Mais além do sólido que desmancha no ar

O conhecido autor de *All That Is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity* (1983), no Brasil traduzido e reeditado muitas vezes, desde o seu lançamento em 1986, com o título *Tudo que é sólido desmancha no ar. A Aventura da Modernidade* já conta inclusive com uma edição de bolso, lançada em 2007, pela Companhia de Bolso. Neste ano de 2007 o autor publicou junto com o poeta e jornalista Brian Berger, *New York Calling: From Blackout to Bloomberg*. Atualmente é professor de ciência política no City College of New York and CCNY Graduate Center, onde ensina a teoria política e estudos urbanos. Nasceu e cresceu no Bronx e hoje vive em Manhattan com sua família.

Conforme já indicado, o artigo, que na verdade é transcrição de uma palestra de Berman com o tema *A fundação e os fundamentos das novas cidades*, e publicado pelo informativo da Associação dos Geógrafos do Brasil, creio, seja sua segunda publicação, pois na referência citada por FILGUEIRAS aparece uma outra publicação

da *Revista Tântalo*, p. 14-20, nov/dez 1993 – jan 1994, portanto, anterior à publicação da Associação, contudo na publicação paulista não aparece nenhuma referência à Revista e tão pouco conseguimos encontrar referências sobre ela na Internet, portanto, ficam registradas aqui as duas publicações.

O pensador americano trabalha dois conceitos que considera essenciais para o entendimento da questão da cidade, ou das novas cidades como quer o título, os conceitos de espaço público e o de comunicação social.

Para o primeiro, busca referências na Grécia: “O ‘*Espaço Público*’ é uma idéia que adveio do quinto e sexto séculos antes de Cristo, na Grécia e está diretamente vinculado ao crescimento da democracia grega.” É na Ágora que o povo de Atenas fará seu exercício democrático, desenvolverá as artes da poesia e da música e fará suas compras, já que, conforme descreve nosso autor, a “... Ágora era uma espécie de planalto em volta do morro da Acrópole, com mais ou menos um quilômetro de circunferência... e sua função era servir de espaço para o mercado da cidade”.

O mercado que era a Ágora era um espaço de todos. Um espaço com qualidades peculiares em relação ao restante de Atenas, pois nesse espaço público “bagunçado”, conforme os muitos escritos gregos relatam, não havia divisão de classes; Berman chama atenção para o fato de que “... uma das características primordiais da Ágora é que você não conseguia distinguir os patrões ou os donos, dos seus escravos...” guardados por escravos do Estado que intervinham caso um dono quisesse bater em seu escravo ali.

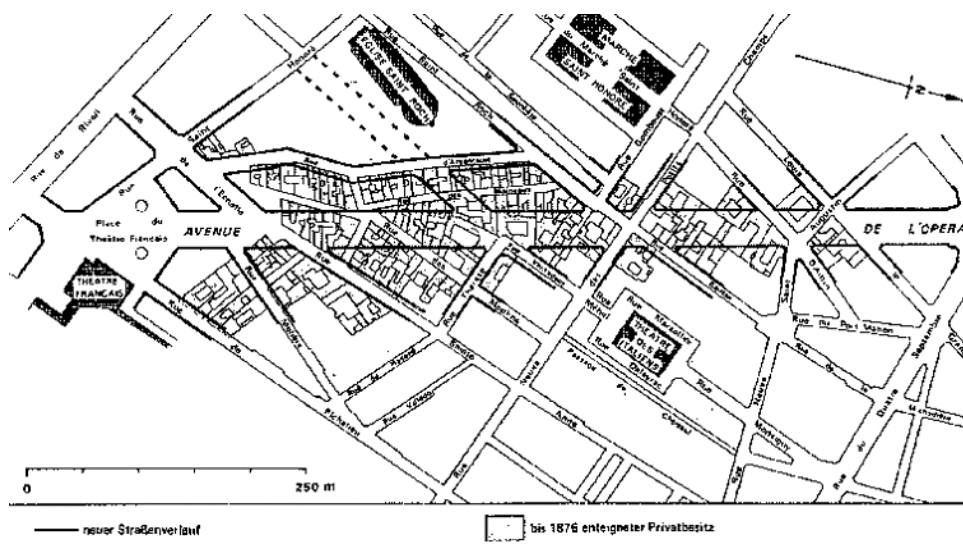


A antiga ágora, situada ao sul da Acrópole, era uma praça repleta de colonatas, templos e outras construções. As principais ruas cruzavam a ágora, de modo que a partir de seu meio, onde se encontrava o altar dos 12 deuses, as distâncias eram calculadas. Nos pórticos da ágora os atenienses discutiam política, faziam negócios e ouviam filosofia. Sócrates, Zenon e Diógenes lá difundiram suas idéias. Foi nesse local que anos mais tarde, por volta do ano 50 de nossa era, o apóstolo Pedro procurou difundir o cristianismo (Senado Federal Brasileiro, 2007).

Também foi nesse espaço público que Sócrates pode difundir idéias e debates filosóficos, ou seja, falar em público e fazer com que seu interlocutor também o fizesse. E também foi por causa do movimento que o pensamento perfazia que Sócrates foi decretado culpado e condenado à morte.

O segundo conceito, considerado truncado por Berman, é o de comunicação social, que também está relacionado ao de espaço público, porém, em uma concepção moderna. E acrescenta: “Quanto ao espaço público eu falei da Ágora Grega... Quanto à comunicação social, eu acho que o espaço mais importante é a rua moderna, a rua moderna de uma cidade.”.

E quando esta rua moderna foi inventada? Na Paris do século XIX sob a supervisão do barão Georges Eugène Haussmann, prefeito de Paris por 20 anos que foi responsável pela abertura das grandes avenidas e de toda a transformação do centro de Paris. No total, 20.000 construções foram derrubadas e 40.000 foram erguidas dentro da ideologia do sanitarismo urbano típico daquele momento na Europa, ou seja, não apenas o ar deveria circular, mas também as pessoas e, principalmente, os carros. As novas cidades deveriam incorporar um dos aspectos que mais fascinaram os modernos: a velocidade. Tanto que o, considerado arquiteto do século XX, Le Corbusier dirá que a cidade é para o automóvel.



Modificações propostas e executadas na administração do barão Georges Eugène Haussmann.

E Berman apresenta o panorama daquele momento partindo dos poemas de Baudelaire, citando principalmente “Os olhos dos Pobres”, pequeno poema em prosa de 1869 publicado em folhetins - Spleen Paris - pelo próprio autor que exprimia suas impressões sobre os temas urbanos da época. Fizemos questão de transcrever abaixo uma tradução desse interessante poema urbano:

Os olhos dos pobres

Tradução de Aurélio Buarque de Holanda

Ah! você quer saber por que a odeio hoje...Sem dúvida lhe será menos fácil compreendê-lo do que a mim explicá-lo; pois você é, suponho, o mais belo exemplo de impermeabilidade feminina que se possa encontrar. Havíamos passado juntos um longo dia, que me parecera curto. Tínhamos jurado um ao outro que todos os nossos pensamentos nos seriam comuns, e nossas duas almas, daquele dia em diante, não seriam mais do que uma só: Sonho que, além de tudo, nada tem de original, a não ser que, sonhado por todos os homens, ainda não foi realizado por nenhum.

Ao anoitecer, um pouco fatigada, você desejou sentar-se diante de um café novo, na

esquina de um nôvo bulevar que, ainda cheio de entulho, já ostentava gloriosamente os seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás mostrava ali todo o calor de uma estréia, e alumiaava com tôdas as fôrças as paredes de uma brancura cegante, as toalhas rutilantes dos espelhos, os ouros dos astrágalos e das cornijas, os pajens de faces rechonchudas levados de rastos pelos cães atrelados, as damas rindo ao falcão encarapitado em seu punho, as ninfas e as deusas trazendo à cabeça frutas, pastéis e caças, as Hebes e os Ganimedes apresentando, de braço estendido, a pequena ânfora de bavaróises ou o Obelisco bicolor dos sorvetes mistos: tôda a história e toda a mitologia postas a serviço da gula.

Na calçada, diante de nós, víamos plantado um pobre

Homem dos seus quarenta anos, de ar fatigado, barba meio Grisalha, que segurava por uma das mãos um menino e trazia no outro braço um pequenino ser ainda muito frágil, incapaz de caminhar. Servindo de ama, fazia os filhos, respirarem o ar da noite. Todos em trapos. Eram três fionomias extraordinariamente sérias, e seis olhos que contemplavam o nôvo café com admiração igual, mas diversamente colorida pela idade. Os olhos do pai diziam: - "Como é belo! como é belo! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo foi transportado para estas paredes." Os olhos do menino: - "Como é belo! Como é belo! Mas é uma casa onde só podem entrar as pessoas que não são como nós." Os olhos do menorzinho, êsses, de tão fascinados, revelavam apenas uma alegria estúpida e profunda. Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e abranda o coração. Em relação a mim, tinham razão as Canções, naquela noite. Eu não só me sentia enternecido com essa família de olhos, senão também um pouco envergonhado De nossos copos e nossas garrafas, maiores que a nossa sede. Voltava os meus olhares para os seus, querido amor, neles procurando ler o meu pensamento; mergulhava nos seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo capricho e inspirados pela lua, quando você me disse:- Que gente insuportável aquela, com uns olhos escancarados como portas-cocheiras! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui? Tanto é difícil entenderem-se as criaturas, meu anjo querido, e tão incomunicável é o pensamento, mesmo entre aquêles que se amam!

Chama atenção no poema o fato do casal ter opiniões diferentes sobre a “família de olhares”, querendo a mulher que eles se afastem, pois incomodam e não são daquele lugar. Possivelmente, aquela família tenha sido uma das muitas desalojadas do centro de Paris e, Berman conclui com a importância da comunicação entre pessoas diferentes, entre o encontro dos olhares na cidade, pois “... quando esse tipo de comunicação social não acontece mais, a sociedade fica extremamente perversa e brutal. Parte dessa perversidade, dessa brutalidade é que as pessoas nunca se olham, nunca se vêem como seres humanos, nunca vêem a humanidade do outro e as barreiras de classe são congeladas para sempre.”.

2. O lugar para renovar a democracia não é o Estado, é a cidade

O segundo artigo, do autor de *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*, apresenta os dois preconceitos que se deve enfrentar “para entender os processos urbanos como processos de comunicação, necessitamos pensar como os meios têm se convertido em parte constitutiva do tecido urbano, mas também pensar como os medos têm sido incorporados, ultimamente nos novos processos de comunicação.”

O primeiro preconceito indicado é o da possibilidade de compreender a comunicação, enquanto processo estudando apenas os meios, quando na verdade estes produzem e reproduzem a comunicação no espaço público - e são produzidos e reproduzidos. Espaço esse cada vez mais de fluxos em uma “nova cidade” onde a circulação e a informação tomaram o lugar do encontro e da comunicação. O exemplo é a televisão, se ela atrai é porque a rua expulsa, conclui.

O segundo preconceito diz respeito ao medo que assegura um lugar de destaque na vida urbana. Ocorre que não é possível pensá-lo apenas como consequência da violência e da criminalidade ou da insegurança das ruas, mas, por outro lado, como “modos de habitar e de comunicar” e, no limite, expressão da angústia cultural devido a três fatores: 1) perda do enraizamento coletivo nas cidades; 2) angústia produzida pela maneira como as diferenças e a homogeneização é tratada na urbe; 3) angústia advinda da maneira como a cidade é ordenada, como ela se nos apresenta no cotidiano.

Contudo, ainda devemos avançar mais em uma contextualização que nos possibilite identificar os processos de longa duração relacionados aos medos, exemplo disso pode verificar através dos novos processos tecnológicos e científicos e a crescente erosão da socialidade (Lemos, s/d e Paulino, 2001).

Outro processo que devemos ter em conta se refere ao volume de informação e sua supervalorização na sociedade contemporânea, porém, sem considerar quais as informações são importantes na vida social. A isso acompanha a ilusão de se estar informado estando participando e atuando socialmente. Ainda destaca que, no atual contexto tecnológico, acontece “uma acelerada obsolescência das capacidades e destrezas no campo do trabalho e da educação”, isto implica que “convertem boa parte dos adultos em inúteis mentais”. Anteriormente o símbolo do conhecimento eram os mais velhos, os anciãos e, hoje, são os mais novos – e cada vez mais novos – aqueles que possuem o conhecimento para a tecnologia da informação e comunicação criando, assim, uma nova distância entre as gerações, uma juvenilização que vem não apenas relacionada aos novos processos tecnológicos, mas também dos valores éticos e estéticos.

O pensador questiona: “como é que as pessoas estão enfrentando esses medos, a angústia que acarreta a erosão da sociedade?” Duas reações respondem a indagação de Martín-Barbero: a primeira relacionada às elites que reagem “à ausência de raízes que comporta o mundo urbano...com a busca das autenticidades estéticas” recorrendo ao mais tradicional na forma de organizar e produzir os espaços, uma saída que é deve transformar o tradicional em clássico, ou um neo-clássico onde se possam reconhecer. A segunda reação é a busca de novas formas de identificação e não de identidade, ou seja, grupos onde o presente e o imediato são palavras de ordem. Tudo é rápido e vivido com intensidade, é a necessidade de “um mínimo de calor em cidades cada vez mais frias”.

Por último, temos a reação dos movimentos urbanos que:

Mobilizando identidades, subjetividades e imaginários coletivos em formação, ultrapassando dicotomias superadas pelas dinâmicas de transnacionalização econômica e desterritorialização cultural, esses novos movimentos estão superando o político no sentido tradicional. E o estão reordenando justamente em termos culturais.

...Os novos movimentos urbanos enfrentam a cidade feita de fluxos e informações, com uma forte dinâmica de re-territorialização das lutas, de redescoberta de territórios como espaços vitais para a cultura.

Conclui o artigo chamando a atenção para as novas lutas contra a injustiça, discriminação e exclusão que é, no limite, uma nova forma de cidadania onde cada um se reconhece no outro, “condição indispensável da comunicação e única forma civil de vencer o medo”.

3. E assim se passaram mais de 10 anos

Considerando que os dois artigos tenham ultrapassado sua década de publicação e ambos tratavam do tema do espaço público, cidade e novas formas de superação da condição do homem urbano, nossa proposta aqui é analisar o quanto de atualidade ainda guardam e como os processos comunicacionais nas cidades foram ocorrendo – e ocorrem – em um mundo globalizado.

Em primeiro lugar devemos destacar a contribuição dos dois pensadores contemporâneos para as questões da comunicação e informação, o que era então chamado de Novas tecnologias da Comunicação e, sem dúvida alguma, as contribuições para a reflexão sobre o homem urbano no final do século XX.

Ambos os autores deixam claro que o palco das transformações dos valores e da cultura, é a cidade. Acrescentamos a isso que, mesmo no final do século XX, esse palco não estava restrito apenas às cidades grandes, metrópoles, megalópoles ou às cidades globais, conforme a definição dada por Saskia Sassen em livro publicado em 1994, mas ocorria – e ainda o faz – em cidades de todas as escalas, já que o processo de globalização atinge todos os cantos do planeta, com tempos distintos para cada um. A máxima de que cada um se globaliza como pode, implica em aceitar que os tempos e espaços são diferentes para cada lugar do mundo, mas não são excluídos do processo.

Outro ponto comum entre os dois autores é seu objeto de estudo: a cidade. Que, apesar de não ser novo o estudo do trinômio cidade-cultura-comunicação, foi exatamente na década de 1990 que tais estudos se consolidaram. Conforme artigo de Daniel Badenes (2007), onde, já no resumo, indica:

Depois da ruptura com o “mediacentrismo”, a comunicação abriu para múltiplos objetos de estudo. Este ensaio dedica-se a um deles: a cidade. As pesquisas que problematizam a relação comunicação/cultura/cidade se consolidaram a princípio dos anos 90, com a organização de espaços acadêmicos específicos, a formulação de projetos de pesquisa e a publicação de “marcos” editoriais.

E no artigo desenvolve e acrescenta:

Sabemos que uma conseqüência desse abandono do mediocentrismo, para indagar a comunicação tanto como processo cultural de produção, reprodução, circulação e uso de significados sociais, e como questão de sujeitos e não apenas de aparelhos (... sejam tecnológicos ou ideológicos de estado) é a emergência de novos temas de estudo: as culturas juvenis, os movimentos sociais, a cidade como espaço de comunicação. Esse

será o ponto de partida deste ensaio. A recente consolidação dos estudos de comunicação e cidade suscita o desafio de construir um “estado da arte”. Sobre as lacunas que outros investigadores deixaram no caminho, é hora de começar a reconhecer esses traços para não repetir caminhos senão para poder ir mais além.

Exatamente um dos responsáveis pela ruptura com o “*mediacentrismo macluhiano*” é Jesús Martín-Barbero, preocupado com a identificação da comunicação com os meios “isto é, estudando a comunicação a partir de como funcionam as tecnologias e os aparatos dos meios, relegando a importância do campo de estudo das práticas, dos contextos, usos e apropriações sociais que se dão no processo de comunicação” (Paulino, 2001). E Marshall Berman, acrescentamos, é professor de teoria política e urbanismo na University of New York com publicações nessa área como, por exemplo a obra “*Falling Towers: City Life After Urbicide*,” (1996: 172- 192) onde trabalha o conceito de Urbicide como a história mais velha da humanidade podendo ser encontrada já no velho testamento.

Nos dois artigos que escolhemos podemos perceber que a busca por uma cidade e uma comunicação na cidade mais humanizada continua sendo a tônica destes primeiros anos do século XXI, e que a proposta dos dois autores continuam virtualizadas esperando estudos e reflexões que apontem caminhos e sugestões para o fazer e re-fazer urbano. Berman foi mais literário e poético em seu artigo, utilizando de citações dos clássicos para propor e reafirmar sua crença no homem e na cidade; Martín-Barbero apresentou-se menos otimista porém, acreditando nos novos movimentos sociais urbanos que, tomando o lugar da política tradicional, poderiam trazer novas saídas e perspectivas para as cidades.

Relembramos aqui que, contemporâneo dos dois, exatamente em 1996 quando completava 70 anos de idade, o geógrafo brasileiro Milton Santos, em sua obra “*A natureza do Espaço*”, chamava atenção para os homens lentos e sua cidade opaca e homens rápidos com sua cidade luminosa, sendo que os primeiros seriam lentos por estarem fora da lógica do capital que se globalizava. Contudo, esses homens lentos da cidade opaca seriam os responsáveis, ou poderiam ser porta-vozes da mudança exatamente por serem lentos, estarem fora da lógica do capital, mas terem acesso à cidade, pois, circulavam pela cidade. Permita-nos uma longa citação para melhor expor o pensamento de Santos, importante para indicar uma nova consciência (Santos, 1996: 260-1):

Agora estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por Virilio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade – e pode percorre-la e esquadrinhá-la – acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente prefabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem exatamente, do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, para quem as imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações.

É assim que eles escapam ao totalitarismo da racionalidade, aventura velada aos ricos e às classes médias... Diante das redes técnicas e informacionais, pobres e migrantes são passivos, como todas as demais pessoas. É na esfera comunicacional que eles diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos.

Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar. Então o feitiço se volta contra o feiticeiro. O consumo imaginado, mas não atendido – essa “carência fundamental” no dizer de Sartre -, produz um desconforto criador. O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência.

Outro estudo contemporâneo dos artigos que estamos re-lendo agora é o do Coletivo NTC (1996: 143-176) que se definiam como “uma reunião de pensadores, pesquisadores e críticos das novas tecnologias de comunicação, com sede na Escola de Comunicação e Artes da USP, buscando por meio da atuação em estudos culturais a intersecção de diferentes disciplinas visando à construção de um paradigma renovado para as Ciências do Homem no século 21”. Assim, o capítulo que nos interessa de imediato é o quinto, “Espaço, território, espaço virtual” onde temos duas páginas dedicadas à cidade (pág. 150-1) com o subtítulo de A cidade como linguagem. Na mesma trilha de nossos autores, o NTC também, como já sugere o título, entende a cidade, a partir de Virilio como “meio de comunicação”, espaço tanto de movimento como de demonstração. Aceitando a pós-modernidade, os autores afirmam que o “estilhaçamento pós-moderno relê a cidade agora sob a ótica de seus múltiplos personagens urbanos. Assim, ela é encarada mais como um aglomerado casual e disforme, reunião irregular e imprecisa de construções, novas extensões, espaços que se destroem e que se criam, de forma mais descontrolada e inapreensível”. Ainda que a cidade aqui seja apenas forma, o que o livro quer chegar é no espaço virtual tendo o urbano como modelo e uma proposta para seus estudos.

Por ultimo citamos o trabalho de Norbert Bibeny, filósofo catalão, ganhador, em 1997, do Premio Anagrama de Ensayo com *La Revolución em la ética. Hábitos y creencias em la sociedad digital*. Nessa obra, propunha uma *Ética do Mínimo Moral Comum* para fazer frente à nova era digital que, então, se desenvolvia em uma velocidade muito maior que as demais transformações tecnológicas anteriores. Dia Bilbeny (1997: 26):

...é certo que nem o privado é como era antes do telefone, nem o público é como era antes da televisão, que acabou por transformar também o íntimo. E com a cultura digital o comportamento está mudando muito mais e a maior velocidade.
A nova telepólis já não é endogâmica, senão uma cidade mundial da informação.

A preocupação, da metade para o fim da década de 1990, era buscar compreender e projetar como as cidades deveriam ser estudadas com o advento das tecnologias da informação e comunicação e, tanto Berman quanto Martín-Barbero apresentam preocupações que nos deixam na “cidade de pedra” com sua realidade cotidiana e intransferível, como é típico do viver imediato. Enquanto o primeiro, reconhecidamente marxista, aponta caminhos pelos “olhares dos pobres”, pensando uma sociedade onde a globalização, que já traria a perversidade como marca registrada desse processo, deveria ser superada por uma nova forma de convivência e sociabilidade.

O segundo pensador procurava responder às perguntas que se mostravam partindo da realidade latina americana, donde é partícipe ativo desde 1963 quando se transferiu para a Colômbia, sem, contudo perder de vista as particularidades do processo global nesse continente. O colombiano, mesmo não falando em pós-modernidade, vai apresentar uma visão dos movimentos sociais urbanos superando a política tradicional, a cidade dos planejadores públicos, buscando novas territorialidades ou re-territorializando através das novas lutas culturais.

4. Conclusão

Os dois artigos apresentados procuraram, nos seus respectivos anos – 1994 e 1998 – responder às demandas que os motivaram. São, sem dúvida, publicações e reflexões importantes para nós brasileiros.

Apenas recordando um pouco os acontecimentos brasileiros, 1994 foi o ano da Copa do Mundo de Futebol nos Estados Unidos, com público recorde e vitória da equipe brasileira; ano da eleição de Fernando Henrique Cardoso para presidente e promulgação da lei nº 8.800 de 27 de maio que instituía a URV (unidade real de valor) dentro do Programa de Estabilização Econômica e o Sistema Monetário Nacional; a cidade de São Paulo comemorava seus 450 anos de história; em 8 de dezembro morria o maestro Tom Jobim, o cacique Paiakan era absolvido da acusação de estupro.

O ano 1998 foi da Copa do Mundo na França com vitória do time francês; ano de implantação do ENEM – Exame Nacional de ensino médio; da morte do cantor Nelson Gonçalves em abril deixando 128 discos gravados e muitos sucessos; o filme Central do Brasil, de Walter Salles ganhava o urso de Ouro em Berlim; o motoboy Francisco de Assis Pereira confessa ser o "maníaco do parque", que matou 11 mulheres no Parque do Estado, em São Paulo (SP), acontecia uma das cinco piores secas do século no Nordeste brasileiro atingindo dez milhões de pessoas, as plantações secavam, o gado morria e a população migrava para outras regiões. Os saques de alimentos se multiplicavam.

Entre as notícias de destaque no âmbito mundial podemos citar para 1994 a inauguração do Eurotúnel – túnel que liga a Inglaterra à França; Nelson Mandela é empossado como presidente da África do Sul; atentado contra a Amia (Associação Mútua Israelita Argentina), em Buenos Aires, mata 17 pessoas; o terrorista venezuelano Carlos, o Chacal, é preso no Sudão e extraditado para a França; o IRA (Exército Republicano Irlandês) anuncia fim das ações terroristas; os guerrilheiros zapatistas tomam 38 aldeias no Estado de Chiapas no México. E 1998, o relatório sobre o caso entre Bill Clinton e Monica Lewinsky chegava à internet; acusado de terrorismo, tortura e genocídio é detido em Londres o ex-ditador chileno Augusto Pinochet. A polícia inglesa cumpria um mandato de captura do juiz espanhol Baltazar Garzón.

Vemos que o cotidiano, o imediato e intransferível não deixava – e não deixa – muita margem para reflexão, devemos responder de pronto aos acontecimentos, torcer pelo Brasil de Romário em 1994 e reclamar do Brasil derrotado de 1998, fazer piada e análises do Caso Lewinsky, horrorizar-se com o maníaco do parque, respirar de alívio com sua prisão, etc.

Contudo, os dois pensadores conseguiram a leitura necessária daqueles momentos e dos processos contraditórios que os moviam. Garantiram a atualidade dos textos não fazendo previsões ou futurologias sem embasamento ou dados que comprovassem seus posicionamentos. Mesmo depois de mais de 10 anos ainda é válido e urgente trabalhar contra a injustiça, discriminação e exclusão que é, no limite, uma nova forma de cidadania onde cada um se reconhece no outro, “condição indispensável da comunicação e única forma civil de vencer o medo”, como afirmava Martín-Barbero.

E mesmo que muitos já não almejem ou sonhem com o socialismo ou a crença no fim da sociedade de classes, como conclui Berman, parece acertado que ainda temos “que tomar cuidado e garantir que as cidades que nós venhamos a viver tenham espaços onde essa família de olhares possa se constituir, possa nascer”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- BERMAN, Marshall (1996): "*Falling Towers: City Life After Urbicide*," Washington: Dennis Crow ed., Geography and Identity.
- BILBENY, Norbert (1997): *La revolución en la ética. Hábitos y creencias en la sociedad digital*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- COLETIVO NTC (1996): *Pensar – pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. Coletivo NTC; coordenador geral Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Edições NTC.
- SASSEN, Saskia (2000): *As cidades globais na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel.
- SANTOS, Milton (1996): *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec.

Documentos de Internet:

- Almanaque Folha (2007). Disponível em Internet (08.07.2007) <http://almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano90.htm>
- BADENES, Daniel (2007) .Comunicación y ciudad: líneas de investigación y encuentros con la historia cultural urbana. *Revista Question - publicación académica de la facultad de periodismo y comunicación social de la Universidad Nacional de la Plata*. Argentina: UNLP/Otoño 07, número catorce, pág. 1-14. Disponível em Internet (08.07.2007): http://perio.unlp.edu.ar/question/nivel2/articulos/ensayos/badenes_1_ensayos_14otono07.htm
- BAUDELAIRE, Charles (1868). *Le Spleen de Paris (Les Petits poèmes en prose)* Disponível em Internet (10.07.2007) http://www.beatrix.pro.br/livros/ baud_spl.pdf
- FILGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro (2006). Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte. *Dissertação de mestrado, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ*. Disponível em Internet(08.07.2007) http://teses.ufrj.br/IPPUR_M/BeatrizSilveiraCastroFilgueiras.pdf
- LEMONS, André (s/d). *Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Disponível em Internet (11.07.2007) <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/cibersoc.html>
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2004). El lugar para renovar la democracia no es el Estado, es la ciudad. *Revistateína número 4, "La Ciudad"* Abril-Mayo-Junio, Disponible em Internet (10.07.2007) <http://www.revistateina.com/teina/web/Teina4/dossiermartinbarbero.htm>
- PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro (2001). *Comunicação, Mundo do Trabalho e Subjetividade*. *Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e*

Comunicação Vol.III, n.3, Sep/Dic. Disponível em Internet (11.07.2007)
www.eptic.he.com.br

SOUSA, Mauro Wilton de (2006). Recepção mediática como linguagem de
Pertencimento: entre o comum e o público. Uma análise crítica da bibliografia
a respeito. Disponível em Internet (08.07.2007) [http://www.facom.ufba.br/
midiaerecepcao/textos/2006/mauro_wilton.pdf](http://www.facom.ufba.br/midiaerecepcao/textos/2006/mauro_wilton.pdf)

Senado Federal brasileiro. Disponível em Internet (08.07.2007) [www.senado.gov.br/
comunica/historia/agora.htm](http://www.senado.gov.br/comunica/historia/agora.htm)